

PROCESSO SELETIVO 2005

SEGUNDA ETAPA



CADERNO DE QUESTÕES

1º DIA

LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO

Todos os Grupos

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO

INSTRUÇÕES

1. Após autorização, verifique se este caderno está completo ou se contém imperfeições gráficas. Caso contenha defeito, solicite ao aplicador a sua troca.
2. Este caderno contém as provas de Língua Portuguesa e Redação. A prova de Língua Portuguesa contém 5 questões sobre compreensão de texto e análise da língua e 5 questões de literatura brasileira. Utilize os espaços em branco para rascunho.
3. O desenvolvimento das questões deverá ser feito com caneta esferográfica de tinta preta ou azul, nos respectivos Cadernos de Respostas. Resoluções a lápis não serão corrigidas.
4. O tempo de duração das provas de hoje é de 5 horas, incluída a leitura dos avisos e a coleta de impressão digital.
5. AO TERMINAR, DEVOLVA OS CADERNOS DE RESPOSTAS E AFOLHA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

NOME DO CANDIDATO

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

No sinal

Ricardo Freire

- Bem-vindo ao Esmola's Drive-Thru.
- Como?
- Bem-vindo ao Esmola's Drive-Thru.
- Peraí. Eu passo aqui há 20 anos e até ontem esse lugar era um sinal de trânsito. Semáforo. Farol. Sinaleira.
- Era, mas agora é mais uma franquía do Esmola's Drive-Thru. Com concessão da prefeitura e tudo. Taqui, ó. Parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais.
- Cuma?
- Bi-Rodais. O pessoal que anda em cadeira de rodas. Politicamente correto, sacumé. Agora, por favor, peça pelo número.
- Não entendi.
- Peça pelo número. Não tá vendo o menu ali no painel ao lado do semáforo? Naquele poste ali? Embaixo do cartaz do candidato a vereador...
- Tô sem óculos.
- Eu ajudo. Número 1, abordagem seca, rápida, objetiva e fim de papo: 1 real. Mas esse não dá mais porque o senhor ficou aí embaçando.
- Sei.
- Número 2, abordagem piedosa com criança no colo e uso das palavras “tio” ou “tia”: 50 centavos.
- Criança branca ou preta?
- A que estiver disponível no momento.
- Claro.
- Número 3, abordagem infantil com caixa de dropes à mão: terreal para carro importado, dorreal para carro nacional do ano, 1 real para “outros”. Grátis, um dropes.
- Grátis?
- Grátis. O doutor só paga a contribuição social e o dropes vai de brinde.
- Ah, tá.

ÉPOCA, Ed. Globo: São Paulo, 326, 16 ago. 2004, p. 122.

QUESTÃO 1

O texto de Ricardo Freire tece uma crítica a determinada prática que vem tornando-se comum nos sinais de trânsito das grandes cidades.

- a) Qual é essa prática descrita no diálogo? Justifique sua resposta analisando, com base no texto, os diferentes procedimentos utilizados nessa prática. **(2,5 pontos)**
- b) O sentido de crítica bem-humorada é um efeito produzido no texto. Como a escolha lexical é feita para a realização desse efeito de sentido? **(2,5 pontos)**

QUESTÃO 2

Observando os recursos lingüísticos utilizados no texto “No sinal”, responda:

- a) Por que a presença de expressões do tipo “cuma” e “parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais” caracteriza o texto como heterogêneo quanto aos níveis de linguagem? **(3,0 pontos)**
- b) Por que o motorista utiliza a repetição por sinonímia para se referir ao sinal de trânsito? **(2,0 pontos)**

QUESTÃO 3

Leia o trecho a seguir e responda ao que se pede.

Omar se dirigiu à mãe, abriu os braços para ela, como se fosse ele o filho ausente, e ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yaqub. Ficaram juntos, os braços dela enroscados no pescoço do Caçula, ambos entregues a uma cumplicidade que provocou ciúme em Yaqub e inquietação em Halim.

“Obrigado pela festa”, disse ele, com um quê de cinismo na voz. “Sobrou comida para mim?”

“**Meu** Omar é brincalhão”, Zana tentou corrigir, beijando os olhos do filho. “Yaqub, vem cá, vem abraçar o **teu** irmão.”

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.24.

Na Língua Portuguesa, dependendo do contexto, os pronomes ditos “possessivos” nem sempre indicam relação de posse entre entidades (possuidor/coisa possuída). Quanto ao uso de “meu” e “teu” na fala de Zana, que tipo de relações semânticas cada um desses elementos expressa? **(5,0 pontos)**

QUESTÃO 4

Leia a tira abaixo:



ANGELI. Chiclete com Banana. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 ago. 2004, Ilustrada.

A tira tem como um de seus objetivos a expressão do humor. O plano narrativo descreve as situações que justificam a atitude do personagem em relação à geração que marcou os anos 1960, da qual ele fez parte.

- Explique, recorrendo à seqüência dos quadros, como o autor define os comportamentos dessa geração. **(2,5 pontos)**
- O último quadro da tira retrata uma indisposição do interlocutor em dar continuidade ao assunto iniciado pelo locutor. Analise como se dá a ruptura na interação entre os dois personagens e, tendo como referência os quadros anteriores, justifique por que isso ocorre. **(2,5 pontos)**

QUESTÃO 5

Cada um dos fragmentos citados descreve como a China e o Japão processam as influências estrangeiras em suas culturas.

Os chineses imitaram e falsificaram as culturas estrangeiras, mas as mantiveram estrangeiras, talvez por terem uma tradição cultural mais sólida, mais longa e mais impermeável que a dos japoneses, e com isso esvaziaram a influência do que vinha de fora.

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 27

De fato, os japoneses já haviam emprestado e adaptado muitas tradições culturais entre os séculos 8º. e 18º., especialmente da China. [...] Até o sistema imperial de governo foi emprestado da China, embora importantes aspectos tenham sido modificados após o surgimento dos samurais e dos xoguns no século 7º.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003. p. 68.

- a) Com base nos fragmentos, construa o conceito de *empréstimo cultural* e dê um exemplo. **(2,5 pontos)**
- b) Segundo os autores, em que aspectos as duas culturas diferenciam-se? Justifique sua resposta. **(2,5 pontos)**

QUESTÃO 6

Em *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, o confronto entre Ocidente e Oriente é apresentado pela superposição de três vozes narrativas.

- a) De quem são essas vozes? **(1,5 ponto)**
- b) Como essas vozes são articuladas para configurar o romance? **(2,0 pontos)**
- c) Que olhar sobre o desconhecido resulta desse entrelaçamento de vozes? **(1,5 ponto)**

QUESTÃO 7

Leia o poema que segue:

XXVI

De sacrifício
De conhecimento
Da carne machucada
Os joelhos dobrados
Frente ao Cristo
Meu canto compassado
De mulher-trovador.
Ai. Descuidado
Que palavras altas
Que montanha de mágoas
Que águas
De um venenoso lago
Tu derramaste
Nos meus ferimentos.

Que simetria, justeza
Para ferir-me a mim
Como se a cruz quisesse
De mim ser a moradia.
E eu canto
Porque é esse o destino
Da minha garganta.
E canto
Porque criança aprendi
Nas feiras: ave e mulher
Cantam melhor na cegueira.

HILST, Hilda. *Cantares*. São Paulo: Globo, 2004. p. 59-60.

Das características da poesia reunida em *Cantares*, de Hilda Hilst, mencione três que podem ser identificadas no texto transcrito. **(5,0 pontos)**

QUESTÃO 8

No conto “O caso da vara”, Machado de Assis enfoca o drama pessoal de Damião, o protagonista, que deseja abandonar o seminário. Nesse contexto, são expostas as relações entre diferentes classes sociais da época do autor.

- a) Que situação ilustra essas relações de classe? **(2,5 pontos)**
- b) Explique a atitude do protagonista diante da situação que denuncia as relações de classe. **(2,5 pontos)**

QUESTÃO 9

Considerando-se as relações entre Literatura e História, observa-se que tanto Milton Hatoum quanto Miguel Jorge apropriam-se de fatos “reais” na composição de suas obras ficcionais. Em *Dois irmãos*, por exemplo, a morte de Antenor Laval, amigo de Omar, ocorre por ocasião do cerco da Cidade Flutuante pelos militares, em 1964. Em uma das duas narrativas de *Pão cozido debaixo de brasa*, a luz azul encontrada por Felipa, João Bertolino e Nec-Nec é o Césio 137, que provocou uma contaminação radioativa, em 1987.

Compare o diferente papel que o evento histórico tem na construção dos textos mencionados.

- a) Na obra *Dois Irmãos*. **(2,5 pontos)**
- b) Na narrativa de *Pão cozido debaixo de brasa*. **(2,5 pontos)**

QUESTÃO 10

Leia os textos que seguem:

Sub Tegmini Fagi	<i>poiesis</i> II
[...] Vem comigo cismar risonho e grave... A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave... Querem — trevas e ar. A andorinha, que é a alma — pede o campo. A poesia quer sombra — é o pirilampo... P’ra voar... p’ra brilhar. [...] ALVES, Castro. <i>Espumas flutuantes</i>. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 105	luz lapidada de ourives segredo incorruptível brilho faz da sua chama meu ideograma MAGALHÃES, Carlos F. F. de. <i>Perau</i>. Goiânia: Vieira, 2004. p. 203.

A estrofe de Castro Alves e o poema de Carlos Fernando F. de Magalhães apresentam aspectos que os aproximam e os distinguem.

Tendo em vista esse fato, indique

- a) um aspecto comum aos dois textos; **(2,0 pontos)**
- b) dois aspectos que os diferenciam. **(3,0 pontos)**

REDAÇÃO

Instruções

A prova de Redação apresenta três propostas de construção textual. Desse modo, para produzir o seu texto, você deve escolher um gênero, entre os três indicados abaixo:

- A – diário
- B – editorial
- C – carta de leitor

O tema é único para os três gêneros. Fuga ao tema, desconsideração ou mera cópia da coletânea anulam a Redação.

Com a finalidade de auxiliar o projeto do seu texto, o tema vem acompanhado de uma coletânea. Ela tem o objetivo de propiciar uma compreensão prévia e abrangente a respeito da temática proposta. Por isso, a leitura da coletânea é *obrigatória*. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu projeto de texto.

Independentemente do gênero escolhido, o seu texto não deve ser assinado.

Tema

A Verdade:

Inerente aos acontecimentos e às coisas do mundo?
Construída a partir dos acontecimentos e das coisas num dado momento e lugar?

Coletânea

ciência [Do lat. *scientia*]. S. f. [...] conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, possivelmente, orientar a natureza e atividades humanas.

verdade [Do lat. *veritate*]. S. f. Conformidade com o real; exatidão, realidade; franqueza, sinceridade; coisa verdadeira ou certa; [...] princípio certo; [...] representação fiel de alguma coisa da natureza.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio século XXI. O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; p. 462 e 2060.

Câncer

Quando as estatinas chegaram ao mercado, pensava-se que elas poderiam aumentar os riscos de câncer. Agora, os médicos começam a acreditar que os efeitos do remédio podem vir a ajudar no tratamento de pacientes com câncer, especialmente os tumores malignos de fígado, de intestino e de próstata.

Começaram a ser feitos os primeiros levantamentos sobre a relação entre as estatinas e a prevenção do câncer da mama. O processo pelo qual o remédio combateria esses tumores ainda não foi desvendado.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 1858, 16 jun. 2004, p. 86.

Ninguém tem dúvida de que discordâncias e erros de interpretação podem ocorrer. Infelizmente, fazem parte do aspecto subjetivo humano, do exercício da medicina. Resta aos especialistas a tarefa contínua de melhorar ao máximo o controle de qualidade de equipamentos, métodos, técnicos e médicos, num esforço constante para evitar informações desencontradas que possam prejudicar o paciente.

Por sorte, a maioria das discrepâncias está em detalhes periféricos que raramente têm impacto significativo no manejo clínico. As restrições impostas pelos diferentes sistemas de saúde, assim como pelo mercado, podem reduzir a capacidade dos centros de diagnóstico em manter qualidade de níveis elevados, adequados. Quanto de discrepância entre especialistas pode ser considerado aceitável? Isso ainda não está claro hoje em dia. E não se sabe se ficará claro num futuro próximo.

CARTA CAPITAL. São Paulo, n. 303, set. 2004, p. 56. Especial Saúde.

Quando comparamos as físicas de Aristóteles, Galileu-Newton e Einstein, não estamos diante de uma mesma física, que teria evoluído ou progredido, mas diante de três físicas diferentes, baseadas em princípios, conceitos, demonstrações, experimentações e tecnologias completamente diferentes. Em cada uma delas, a idéia de Natureza é diferente; em cada uma delas os métodos empregados são diferentes; em cada uma delas o que se deseja conhecer é diferente.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p. 257.

Se seus anzóis têm, até o momento, pescado só peixes pequenos, ele (o cientista) deve mudá-los para ver se consegue pescar peixes grandes. Se está convencido de que as coisas são de um jeito, deveria buscar evidências de que são de outro. *Cada cientista consciente deveria lutar contra sua própria teoria*. E é isso que o torna uma pessoa capaz de perceber o novo.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e a suas regras*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 189.

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). [...] Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 13.

Mídia, às vezes, fabrica notícias, afirma Gushiken

O ministro Luiz Gushiken (Comunicação e Gestão Estratégica) disse que a mídia às vezes comete “deslizes” e “fabrica” notícias. As declarações foram dadas ao comentar a proposta de criação do Conselho Federal de Jornalismo para fiscalizar os profissionais.

Gushiken diz que a liberdade de imprensa é “um valor definitivo na democracia”, mas que “nada é absoluto”.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 11 ago. 2004.

A nossa moral e a deles

Ser democrático, diz Giannotti, é conviver com esse “risco de o político tentar vencer eleições usando os recursos à mão, até manipulando indecisões e falhas do regulamento”. Não existe política sem tolerância para certas faltas. Se não existe inferno, se o proletariado não vai nos salvar da barbárie da história e, enfim, se Marx está morto, se Deus está morto e nós mesmos não nos sentimos muito bem, há um espaço “cinzento” para alguma espécie de vale-tudo.

FREIRE, Vinícius Torres. *A nossa moral e a deles*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 set. 2003, p. A2.

A mentira na política

Não se pode minimizar o papel vigilante da mídia. Se ela se contenta em denunciar aos quatro ventos o escândalo da mentira, apenas arma instrumento político para a oposição, sem fazer o balanço dos aspectos negativos e positivos da mentira. [...] É verdade que não pode discutir esses temas numa pequena nota de jornal, mas a bola está com ele [Vinícius] – particularmente, atitude que deve tomar. No título “A nossa moral e a deles”, Vinícius levanta, a meu ver, uma questão importante: existe no PT e na esquerda em geral um traço de evangelização, pois só eles proclamam a verdade da história e da revolução, por conseguinte o que dizem é a verdade, e os adversários, a mentira.

GIANNOTTI, José Arthur. *A mentira na política*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 17 set. 2003, p. A3.

No início do verão [europeu], uma notícia policial sacudia a França. Num trem de subúrbio, uma jovem que viajava com seu bebê fora assaltada e brutalizada por um bando de adolescentes magrebinos e negros. Constatando, ao roubarem seus documentos, que nascera nos “bairros ricos”, eles haviam concluído que era judia.

Conseqüentemente, o roubo se transformara em agressão anti-semita: eles marcaram seu rosto à faca, pintaram nela suásticas e fizeram cortes selvagens em seus cabelos. Nenhum dos passageiros do trem interveio para defender a jovem e seu bebê, nem sequer para puxar simplesmente o sinal de alarme.

Em 48 horas viam-se multiplicar as declarações de responsáveis políticos e os comentários dos jornais. Mais ainda que a agressão, era a passividade dos passageiros que levantava a indignação [...].

Dois dias mais tarde ficou-se sabendo que todo o caso fora pura e simplesmente forjado. A jovem quisera por essa encenação chamar para si a atenção de um companheiro pouco sensível a seus problemas.

As falsas notícias são tão velhas quanto o mundo assim como sua utilização no quadro de conflitos entre comunidades. Esta, porém, parece mostrar claramente o novo regime da mentira. Com efeito, conhecem-se duas formas tradicionais da mentira de massa. Há a forma do “rumor popular” – por exemplo, o que na Idade Média acusava os judeus de raptos de crianças destinadas a mortes rituais. E há a forma da mentira deliberadamente inventada por um poder, estatal ou outro, para atizar em seu proveito o ódio contra uma comunidade que serve de bode expiatório.

A mentira da jovem Marie-Léonie não se enquadra em nenhuma das duas. A máquina da informação, nos dias de hoje, é mais rápida que todo o rumor popular. E nossos governos consensuais não têm nenhum interesse em alimentar a guerra das comunidades. Portanto, não se pode aqui pôr em causa nem a tradicional “credulidade” das massas populares nem a imaginação perversa dos homens do poder.

RANCIÈRE, Jacques. *As novas razões da mentira*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 ago. 2004, p. 3. Caderno Mais!

Propostas de Redação

A – DIÁRIO

O diário é um tipo de relato pessoal que narra fatos de nosso cotidiano, relata impressões sobre o mundo que nos cerca, nossas idéias, opiniões, emoções e até nossos segredos. No ambiente acadêmico-científico, o diário deixa transparecer os caminhos da pesquisa, as dúvidas, os problemas do pesquisador, as relações sociais que se estabelecem entre os participantes da pesquisa, enfim, é uma forma de se fazer um balanço das próprias ações.

Imagine que você seja um cientista que descobriu a vacina contra o vírus HIV. O ministério da Saúde resolve aplicar a vacina antes de ela ser amplamente testada, e uma campanha de vacinação em massa é realizada pelo governo. Depois de realizada a vacinação, você descobre, por meio de novos testes, que a vacina não é eficiente, mas a divulgação da notícia é proibida. Você é obrigado a se calar. Diante desse conflito, você resolve escrever uma página de seu diário, relatando os acontecimentos e *refletindo sobre o seu papel no desenvolvimento das pesquisas científicas e sobre a verdade na ciência.*

B – EDITORIAL

O editorial, por veicular a opinião do jornal sobre assuntos da atualidade, quase sempre polêmicos, caracteriza-se como um texto de natureza argumentativa.

Você é o editor-chefe de um jornal de grande circulação nacional, que publicou uma notícia sobre o desvio de verba para a conta particular de um senador. A partir da denúncia do jornal, o senador foi julgado e teve seu mandato cassado. Alguns meses passaram-se, e uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) comprovou que houve um equívoco do jornal na demonstração dos valores, absolvendo, assim, o senador.

Por meio de um editorial, você deve discutir o acontecimento e suas conseqüências, mostrar ao leitor as razões da publicação da notícia, justificando a atitude do seu jornal, *questionar e tecer reflexões acerca da questão da verdade na política e no jornalismo.*

C – CARTA DE LEITOR

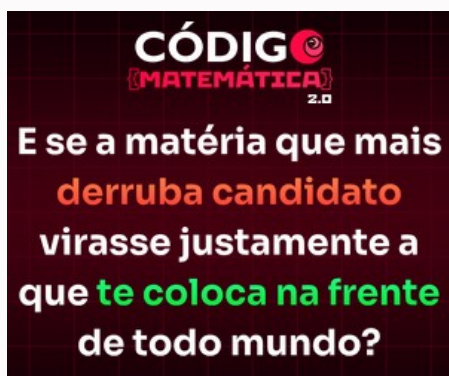
A carta de leitor é um gênero da mídia impressa; um espaço destinado aos leitores que queiram emitir pareceres pessoais favoráveis ou desfavoráveis às matérias publicadas.

Faça de conta que você seja a jovem francesa Marie-Léonie, que, ao ler, no jornal *Le Monde*, a notícia de que a agressão que sofrera havia sido uma farsa, decide escrever ao jornal a fim de esclarecer os acontecimentos ocorridos no trem. Você deve se defender das acusações divulgadas pelo jornal e *recorrer a argumentos que fortaleçam sua defesa e que questionem o princípio da verdade nas práticas desenvolvidas pelos veículos de informação de massa.*

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

